

Liliane Dutra Brignol
Universidade Federal de
Santa Maria – UFSM
Email: liliane.brignol@ufsm.br

Jean Silveira Rossi
Universidade Federal de
Santa Maria – UFSM
Email:
jeanrossi109@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

**Etnografia com leitores:
Desafios e possibilidades de pesquisa
sobre clubes de leitura em contexto
digital**

*Ethnography with readers:
Challenges and possibilities for research on
reading clubs in a digital context*

*Etnografía con lectores:
Retos y posibilidades de investigación sobre
clubes de lectura en contexto digital*

BRIGNOL, L.; ROSSI, J. Etnografia com leitores: Desafios e
possibilidades de pesquisa sobre clubes de leitura em contexto
digital. Revista Eco-Pós, v.25, n.3, p. 63-85, 2022. DOI:
10.29146/eco-ps.v25i3.27936

RESUMO

Este artigo discute oportunidades e dificuldades ao se efetuar uma etnografia com leitoras na internet. As reflexões advêm de fundamentação teórico-metodológica direcionada à etnografia e às práticas de leitura, bem como de experiência empírica mediante observação em quinze reuniões online de cinco clubes integrantes do projeto Leia Mulheres. Espera-se contribuir na expansão das alternativas metodológicas para investigação de práticas de leitura contemporâneas via um olhar antropológico e comunicacional. Nesse percurso, destacam-se a abertura para as relações estabelecidas com os nativos ao longo do fazer etnográfico, os atravessamentos das plataformas na mediação da leitura e a não demarcação de dualismos entre online e offline. Assim, em uma etnografia da leitura no contexto digital, é preciso atentar e refletir sobre as possibilidades e limitações da ambiência e como isso impacta nas relações com os leitores.

PALAVRAS-CHAVE: *Etnografia; Leitoras; Práticas de leitura; Clubes de leitura; Leia Mulheres.*

ABSTRACT

This article discusses opportunities and difficulties when carrying out an ethnography with female readers on the internet. The reflections come from a theoretical-methodological foundation directed to ethnography and reading practices, as well as from empirical experience through observation in fifteen online meetings of five reading clubs that are part of the Leia Mulheres project. It is expected to contribute to the expansion of methodological alternatives for the investigation of contemporary reading practices through an anthropological and communicational perspective. In this path, the opening to the relationships established with the natives throughout the ethnographic work, the crossing of platforms in the mediation of reading and the non-demarcation of dualisms between online and offline stand out. Thus, in an ethnography of reading in the digital context, it is necessary to pay attention and reflect on the possibilities and limitations of the environment and how this impacts relationships with readers.

KEYWORDS: *Ethnography; Female readers; Reading practices; Reading clubs; Read Women.*

RESUMEN

Este artículo discute oportunidades y dificultades al realizar una etnografía con lectoras en Internet. Las reflexiones parten de una fundamentación teórico-metodológica dirigida a la etnografía y las prácticas lectoras, así como de la experiencia empírica a través de la observación en quince encuentros en línea de cinco clubes de lectura que forman parte del proyecto Leia Mulheres. Se espera contribuir a la ampliación de alternativas metodológicas para la investigación de las prácticas lectoras contemporáneas desde una perspectiva antropológica y comunicacional. En ese camino se destacan la apertura a las relaciones establecidas con los nativos a lo largo del trabajo etnográfico, el cruce de plataformas en la mediación de la lectura y la no demarcación de dualismos entre online y offline. Así, en una etnografía de la lectura en el contexto digital, es necesario prestar atención y reflexionar sobre las posibilidades y limitaciones del entorno y cómo éste impacta en las relaciones con los lectores.

PALABRAS CLAVE: *Etnografía; Lectoras; Práticas de lectura; Clubes de lectura; Leia Mulheres.*

Submetido em 17 de Agosto de 2022

Aceito em 10 de Outubro de 2022

Introdução

Perante o vasto e cotidiano ato de ler, a investigação de leitores por meio de uma perspectiva antropológica ainda permanece um campo raramente explorado em trabalhos acadêmicos, seja em contextos como o anglo-saxão (Rosen, 2015) ou brasileiro (Rossi, 2021). Nesse sentido, com o objetivo de auxiliar no debate, este estudo caracteriza-se enquanto um esforço de sistematização de reflexões teórico-metodológicas, desenvolvidas ao longo de pesquisa de dissertação de mestrado em que efetuamos uma etnografia sobre os usos sociais das mídias e práticas de leitura compartilhada em encontros online de cinco clubes integrantes do projeto brasileiro Leia Mulheres¹. Espera-se que o relato contribua para as reflexões de pesquisadoras e pesquisadores pertencentes às áreas de Comunicação, Antropologia, Letras e afins, cujo interesse incida nas diferentes interfaces entre leitura e etnografia.

A iniciativa Leia Mulheres é liderada por mais de 400 mediadoras de leitura – atuantes em 176 municípios do país e no exterior² – que gerenciam perfis em redes sociais digitais e organizam encontros mensais online, abertos ao público em geral, voltados à leitura e discussão de obras de autoria feminina. Quando o projeto surgiu em 2015, as reuniões literárias eram efetuadas presencialmente em livrarias, cafés, bibliotecas e parques. No entanto, a partir de março de 2020, após o decreto da pandemia de Covid-19, parcela significativa dos núcleos locais migraram suas atividades para a modalidade remota. Em virtude da descentralização da ambiência offline, foi possível a entrada nesses grupos, juntamente do acompanhamento das práticas de leitoras e leitores provenientes de diferentes regiões do Brasil e impelidos à infraestrutura do *locus* digital³.

Dito isso, refletimos acerca da abordagem etnográfica com base em Weber (2009), Travancas (2011), Caiafa (2020), Leitão e Gomes (2018) e Miller (2020). No campo das práticas de leitura, fundamentamos a discussão em Chartier (1998), Sedo (2011), Yunes (2013), Rosen (2015) e Malini (2021). Desse modo, expomos as oportunidades e dificuldades encontradas durante o percurso etnográfico, quando foi empreendida observação participante nos clubes

¹ A escrita na primeira pessoa do plural se dá pela interlocução no processo de orientação do trabalho. Quando relatamos sobre a entrada no campo e suas implicações, nas seções 3, 4 e 5 deste artigo, optamos pela escrita em primeira pessoa do singular, justificada pela dimensão reflexiva do mestrando inserido enquanto observador e leitor participante em reuniões das cinco comunidades.

² Dados coletados no site do projeto Leia Mulheres. Disponível em: www.leiamulheres.com.br. Acesso em fev. 2022.

³ Além de diário de campo e de observação, a versão completa de nossa etnografia contém dados provenientes de questionários online com 52 mediadoras de leitura e de entrevistas com cinco leitoras participantes dos grupos investigados.

Leia Mulheres de Marechal Deodoro (AL), Belém (PA), Mauá (SP), Sinop (MT) e Caxias do Sul (RS), entre os meses de março a agosto de 2021. Ao fim, sintetizamos as principais contribuições da pesquisa, com o objetivo de expandir as possibilidades investigativas com leitores na internet.

1. Aproximações entre etnografia e leitura

Pensemos na seguinte ocasião: é a primeira vez que visitamos a casa de um amigo. Ao visualizar uma grande estante de livros em sua sala de estar, ele nos permite aproximar-nos dos exemplares. Assim, corremos os olhos pelas lombadas em um mapeamento inicial de suas preferências literárias. Há mais romances, poemas ou contos? Clássicos ou best-sellers? Escritores ou escritoras? Que critérios ele usou para dispor os livros? A estante está limpa ou empoeirada? E assim por diante até que nossa curiosidade seja saciada. Rosen (2015) indica, nesse sentido, que a maioria de nós possui experiência na prática de etnografias da leitura, ainda que sejam momentâneas e superficiais.

Embora nem sempre o interesse pessoal resulte em investigações científicas, uma das principais dimensões da etnografia, segundo Geertz (2008), está justamente em diferir de uma observação comum. Dessa forma, não seriam as técnicas e os processos de coleta de dados que definiriam o trabalho etnográfico, muito menos o objeto de pesquisa, mas sim o esforço intelectual e interpretativo do etnógrafo em busca dos significados culturais para os comportamentos de um grupo social. O antropólogo, inclusive, expõe uma analogia relacionada aos objetivos aqui propostos.

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (Geertz, 2008, p. 7).

Ora, sua proposição é corroborada por Certeau (2014) que situa a leitura enquanto uma prática, um fazer, um movimento astucioso ocorrido por meio de táticas inventivas, criativas e desviantes da suposta linearidade textual ou intenção autoral. Assim, em uma etnografia da leitura, um dos primeiros pontos de atenção encontra-se na sua dupla dimensão interpretativa: por um lado, as múltiplas significações vindas dos leitores nativos, seus usos dos livros, e por outro, a interpretação dessas práticas pelo etnógrafo que primeiro deve apreendê-las para

depois apresentá-las mediante sua escrita⁴. Geertz (2008) declara que os textos antropológicos são interpretações de segunda e terceira mão, afinal a primeira é sempre designada à cultura do nativo.

Nessa perspectiva, cabe inserir a noção de comunidades literárias de Chartier (1998, p. 13), onde se constroem diferentes normas e convenções de leitura que definem os “usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e os procedimentos da interpretação”. Para realizar uma etnografia com leitores, é preciso estar ciente de que o campo empírico revelará esses aspectos, desde o conhecimento sobre a relação de cada leitor com a literatura, até as questões ofertadas pela ambiência onde se encontram e interagem, sem esquecer da própria implicação do etnógrafo durante todo o processo.

Em direção análoga, Sedo (2011, p. 11) indica que comunidades de leitores são criadas e mantidas com base na sociabilidade e no sentimento comunitário vinculado à “formação social chave que surge quando as pessoas constroem e compartilham conexões através de um livro, de uma série, de um mediador de leitura, ou mesmo de uma resenha literária”. Isso, todavia, não significa que esses grupos não possuem divergências ou conflitos políticos e culturais internos e externos (Sedo, 2011). Assim, os distintos contrastes nas práticas de leitura em cada comunidade também contemplam competências de leitura, interesses e expectativas investidos pelos leitores, sendo por meio do trabalho etnográfico que se chegará a “uma história da leitura preocupada em compreender, nas suas diferenças, a figura paradigmática desse leitor que é um furtivo caçador” (Chartier, 1998, p. 14).

Visualizamos, então, um potencial produtivo na observação etnográfica com clubes de leitura, principalmente porque nesses espaços os leitores estão naturalmente abertos à fala, a narrar a si mesmos a partir dos livros que os tocam (Yunes, 2013).

Trabalhar em círculos de leitura, longe de criar tumulto, suscita um acolhimento do outro como leitor, abrindo espaço para suas memórias e suas falas [...] Dizemos, pois, que este clima de troca, lembranças, diálogo resulta numa ambiência de leitura, espaço e tempo não apenas externos, mas internos para exercer a prática leitora que leva a “saber das coisas”. Pois aí, lemos mais que o texto, o quadro, o filme, lemo-nos, lemos o mundo, tiramos os olhos do papel para refletir, pensar. (Yunes, 2013, p. 16).

⁴ Ainda que o objetivo do estudo não englobe a interpretação estética das obras, é importante ter em mente essa diferença desde o primeiro contato com o campo.

Desse modo, a Antropologia possui “muito a ganhar ao olhar para formas pessoais, íntimas e idiossincráticas de leitura em contextos etnográficos específicos” (Rosen, p. 1065). Destacamos que mediante observação de comunidades leitoras, o etnógrafo possui a capacidade de alcançar densamente suas práticas, neste caso não apenas as maneiras de leitura – sempre situadas contextualmente no tempo e espaço, nas vivências, relações e atravessamentos individuais e coletivos dos leitores (Chartier, 1998) – como também um universo de informações relativas ao local onde eles interagem. Reúnem-se online? Em um site, fórum, rede social? Offline? Livraria, cafeteria, parque, eventos culturais? Talvez articulem as duas ambiências, intercalando práticas com sentidos, objetivos e usos distintos conforme a ocasião.

O exemplo inicial da estante remetia a uma realidade estritamente offline, porém há diversas maneiras de realizar etnografias com grupos literários na internet. Na ambiência digital, os leitores muitas vezes transitam entre as plataformas, sendo possível o acompanhamento de *booktubers*⁵, de perfis literários de *Instagram*, de clubes de leitura em plataformas de videochamadas – *Google Meet*, *Zoom* e *Microsoft Teams* – ou ainda a participação em grupos de *Facebook*, *Telegram* e *WhatsApp*⁶.

No contexto atual de “plataformização da leitura” (Malini, 2021), em que o mercado editorial e os leitores estão cada vez mais dependentes das plataformas, seja para produção, venda, distribuição, leitura ou sociabilidade, as brechas de pesquisa alargaram-se consideravelmente, sobretudo para as áreas da Comunicação e Antropologia.

2. Etnografia sobre o digital: perspectivas de estudo na Comunicação

Com a incorporação e corporificação da internet ao cotidiano (Hine, 2016), cada vez mais as pessoas têm usado os recursos digitais para inúmeras atividades sem nem mesmo dar-se conta das implicações dessa prática. Cabe, então, aos estudos comunicacionais e antropológicos compreender as distintas e complexas relações que os indivíduos estabelecem com as mídias a

⁵ Produtores de conteúdo literário na plataforma de vídeos *YouTube*.

⁶ Em nossa pesquisa, por exemplo, a mediação da internet nos núcleos locais dos cinco clubes Leia Mulheres analisados ocorreu por meio de grupos de *Facebook* e *WhatsApp*, utilizados para comunicação diária; perfis no *Instagram*, para registro fotográfico dos participantes e avisos esporádicos; *Gmail*, *Google Agenda* e *Google Meet*, para organização e realização das reuniões mensais; *Google Forms*, para escolha dos livros; além de site, aplicativo e canal no *YouTube*, criados pelas fundadoras da iniciativa nacional, onde é possível visualizar calendários de encontros futuros, resenhas de obras de autoria feminina e bate-papos com mediadoras de leitura do projeto.

partir de seus usos. Assim, mediante um trabalho etnográfico, é possível investigar, de maneira mais próxima e densa, as nuances dos comportamentos sociais na internet.

Campanella e Barros (2016, p. 8) apontam que “na abordagem etnográfica, o fato social não é percebido como isolado, mas sim articulado com outras esferas da vida que se relacionam e ganham sentido dentro de um todo que as precede”. No digital, esse processo não seria diferente, pois se mostra um espaço onde variadas práticas sociais acontecem ao mesmo tempo, sendo questionável falar que a internet conduza a certas atitudes. Para os autores, seria a partir dos “códigos culturais particulares” de cada sujeito, em contato com as mídias, que tais práticas diversas seriam criadas no online.

Nesse sentido, tomamos como ponto de partida a não demarcação de dualismos, como real e virtual, online e offline, digital e analógico. Ao contrário, a etnografia em ambiência digital fundamenta-se nas relações contextuais e nos diversos deslizamentos possíveis entre os dois contextos. Portanto, tratamos de múltiplas internets, delimitadas e construídas a partir dos usos, das práticas e das variadas relações sociotécnicas. Assim, consideramos, para além dos sujeitos e suas ações, o aparato tecnológico, perceptível e invisível, que possibilita conexões, acesso e navegações (Miller, 2020).

O trabalho etnográfico no ambiente digital é encarado aqui como um processo de perambulações, acompanhamentos e imersões, onde a atuação no campo e as estratégias empregadas “são também efeitos e resultados das agências e das lógicas estruturantes das plataformas, em decorrência do que seu ambiente propicia, e dos modos de usos e engajamentos que elas engendram” (Leitão; Gomes, 2017, p. 45). Ao possibilitar uma abertura para as questões e desafios que emergem do/no campo, o pesquisador deve manter uma postura reflexiva. Isso significa deixar-se imergir na “sensibilidade etnográfica transeunte, de idas e vindas, percorrendo caminhos em meio à multidão de imagens e mensagens” (Ibid. p. 46). Tal movimento subjetivo permite reorganizar estratégias de relação com os sujeitos da pesquisa, entender os ritmos e as topografias das interações coletivas e, muitas vezes, efêmeras, desde a negociação para entrada no campo, até a observação das interações mediadas pela internet.

Nesse processo, o diário de campo possui a função de organizar os pensamentos, devaneios e *insights* ao longo do percurso, a fim de registrar a organização e relação entre os eventos observados e acumular assim os materiais para “analisar as práticas, os discursos e as

posições dos entrevistados, [...] colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição de observador” (Weber, 2009, p. 158).

Segundo Caiafa (2020, p. 37), a produção de dados etnográficos deriva, sobretudo, do “enfrentamento e aproveitamento do imprevisível no trabalho de campo”, em que o diário de campo acaba por gerar materiais irregulares e brutos ainda a serem lapidados na escrita que, por sua vez, será sempre a construção de uma coerência textual ilusória pelo etnógrafo. Dito isso, Weber (2009) discute que o diário de campo não é mero instrumento ou texto secreto, consistindo em um repositório de dados para o uso consciente pelo pesquisador.

Outra dimensão da etnografia configura-se no estranhamento a determinado conteúdo ou comportamento do grupo social estudado. Para Caiafa (2020), o ato vem ao longo da investigação, sem garantia de presença desde o início do percurso ou da predeterminação a um objeto. Interessa, portanto, aquilo que a pesquisa desafiou e forçou-nos a pensar. Em vista disso, a autora defende a observação participante enquanto uma “atividade de simpatia”, mobilizada por uma relação especial com os sujeitos da pesquisa, uma maneira de estar copresente, uma “forma de comunicação” e “método-pensamento”. Nesse movimento, é preciso ultrapassar a acentuada “distância entre sujeito e objeto de conhecimento estipulando, ao mesmo tempo, uma aproximação sóbria, um engajamento consequente, mas desapaixonado, pronto a acolher outras perspectivas e posicionamentos” (Caiafa, 2020, p. 44).

Com base nas discussões colocadas até aqui, ao trazer um breve relato da experiência etnográfica com os clubes de leitura Leia Mulheres em 2021, esperamos levantar algumas provocações para pesquisas que visem investigar leitores no ambiente digital.

3. Trabalho de campo: perambulações e (des)encontros literários

A decisão metodológica de observar cinco clubes, um de cada região do país, surgiu ao final de 2020 quando visualizei no *Instagram* do Leia Mulheres um “desafio literário” para os doze meses de 2021, proposto pelas coordenadoras nacionais⁷. Entre as sugestões, havia a valorização de escritoras do Sul, Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Desse modo, mensalmente, o projeto se propunha a divulgar livros indicados pelas próprias mediadoras de

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIN3M9BJXNP/>. Acesso em 04 fev. 2022.

cada região. Nesse sentido, realizar um estudo comparativo das práticas de leitura em diferentes regiões do país pareceu-me ideal no contexto de pandemia no qual me encontrava enquanto pesquisador.

A partir dessa etapa, em março de 2021, consultei o site do projeto a fim de delimitar os cinco clubes para realização da inserção etnográfica. Esses movimentos de perambular pelas ambiências digitais do projeto foram inspirados por Leitão e Gomes (2017), no sentido de seguir os rastros das leitoras e conhecer algumas diretrizes, reivindicações e ideologias do grupo. Assim, o critério de escolha baseou-se nos primeiros resultados encontrados de reuniões que aconteceriam nos próximos dias. Contudo, a busca no site mostrou-se complicada, pois a plataforma não apresentava uma ordem necessariamente cronológica para a distribuição das informações referentes aos encontros de todas as localidades.

As tentativas de comunicação⁸ via *Instagram* com as mediadoras responsáveis pelos grupos locais revelaram-se desafiadoras, afinal algumas só visualizaram as mensagens dias depois, ou seja, as respostas vieram quando já havia declinado do contato e confirmado com outro grupo referente à mesma região geográfica. De todo modo, as coordenadoras de Sinop (Centro-Oeste), Mauá (Sudeste), Caxias do Sul (Sul), Marechal Deodoro (Nordeste) e Belém (Norte) aceitaram a entrada nas reuniões mensais dos clubes e mostraram-se receptivas com a proposta de investigação. Informo, então, que todos os encontros ocorreram por meio da plataforma *Google Meet*⁹, com duração média de duas horas, o que levou à delimitação da análise em três reuniões para cada clube – quinze ao total – ocorridas entre os meses de março a agosto de 2021¹⁰.

As primeiras inserções constituíram-se mais exploratórias e com maior estranhamento de ambas as partes, ao menos nos primeiros minutos de chamada. Iniciei as observações em março justamente porque planejava um tempo maior dedicado ao período de estranhamento, o que no campo acabou revelando-se em apenas alguns primeiros minutos de nervosismo e apresentações formais. À medida que outras pessoas novas ingressavam nos grupos, às vezes

⁸ Na mensagem padrão enviada aos perfis institucionais do projeto Leia Mulheres, apresentei-me como acadêmico interessado em participar das reuniões, mas indicando que a identidade de todas e todos envolvidos seria preservada.

⁹ Plataforma utilizada para reuniões online. Possibilita a gravação de reuniões, apresentação de telas, manifestação do desejo de fala, entre outros.

¹⁰ Julgo que a delimitação em acompanhar três encontros por clube foi suficiente para entender alguns padrões de comportamento das mediadoras, leitoras e leitores. Gradualmente, participar dos clubes gerou laços de confiança, tanto da minha parte como etnógrafo, quanto das leitoras comigo.

coincidentalmente no mesmo dia que eu, já não me sentia tão “forasteiro”. Ao longo desse processo etnográfico, notei que os clubes estavam acostumados com o fluxo de novos participantes. Isso oportunizava que contassem suas trajetórias e conhecessem os “novatos” e/ou “novatas”.

Na segunda e terceira observações, já mais confiante, foi possível perceber alguns rituais que se repetiam nos cinco núcleos: roda de apresentação quando havia novos membros, introdução das mediadoras sobre a autora e o livro do mês, conversa geral sobre o enredo, registro em *printscreen* dos participantes com os livros e avisos finais relativos ao próximo encontro. Alerta que se estivesse observando apenas um clube, seria um período relativamente curto. Todavia, em virtude de a etnografia priorizar a descrição densa (Geertz, 2008), avaliei que não haveria necessidade de estender o trabalho de campo, arriscando um excesso de informações ainda maior do que as 32 horas de gravação registradas com o auxílio da extensão *Screen Recorder*¹¹.

4. Etnógrafo-leitor: dilemas de pertencimento

Minha preparação para cada encontro consistiu em pesquisar resenhas das obras no *YouTube*, considerando que não teria disponibilidade para ler 15 livros em um intervalo de cinco meses. Desejei não apenas manter uma “flexibilidade” metodológica como também uma “ingenuidade literária”, pois julguei que poderia representar desinteresse perante os clubes se eu optasse em ler algumas narrativas quando infelizmente não conseguiria ler todas. Contudo, isso me trouxe problemas, sobretudo quando as leitoras relacionavam personagens, situações e lugares específicos dos quais eu e outros participantes que não leram possuíamos apenas um breve conhecimento. Ainda assim, estive aberto e curioso às surpresas provenientes do campo nas dimensões midiáticas do livro e da internet.

Ingressei nas reuniões ciente que minha entrada interferia no campo. Entretanto, para participar do clube basta ser leitor e isso de alguma maneira me mobilizou a interagir, a partir

¹¹ Recurso gratuito para uso no navegador *Google Chrome* que possibilita gravar janelas (ecrãs) em vídeo e áudio. Convém relatar que a participação nas reuniões online foi autorizada pelas coordenadoras locais e nacionais. As gravações foram postadas de forma privada no *YouTube*, onde as falas foram transcritas com o auxílio da transcrição automática, gerada em formato de legenda, para análise posterior.

dos relatos das mediadoras, leitoras e os raros leitores que apareceram¹². Neste ponto, compreendo Travancas (2011), que efetuou uma etnografia com jornalistas sendo esta também a sua formação. Certamente meu pertencimento enquanto leitor não consistiu em si em um problema, mas o que eu poderia fazer com este fato? Ou, invertendo a perspectiva, que vantagens eu poderia tirar desta posição?

Travancas (2011, p. 129) aponta que a aproximação excessiva com o objeto de pesquisa pode acarretar a eliminação da etapa do “estranhamento como forma de compreensão do outro”. Nessa lógica, embora soubesse que não era um nativo – e nem fingi ser um – no fim das contas eu também estava lá como um leitor. Somado a isso, em decorrência do período pandêmico e do fato de morar sozinho, eu ansiava por conversar sobre qualquer coisa, especialmente sobre livros. Experimentei algo já indicado por Travancas (2011, p. 131): “os produtos da indústria cultural funcionam como uma espécie de elemento comum em indivíduos distantes”. Assim, minha entrada e manutenção no campo ocorreu naturalmente, de forma prazerosa, ou seja, o amor compartilhado pela literatura facilitou minha participação enquanto etnógrafo. Demarco que foi um “privilegio etnográfico” poder realizar esta pesquisa com “pessoas dos livros” tão gentis, prestativas e acolhedoras.

Ainda assim, atentei para interagir apenas quando solicitado pelas integrantes dos clubes e não me preocupei em acompanhar sistematicamente as leitoras e leitores além do momento dos encontros, tentando permanecer o máximo possível “do outro lado” – apesar de ter cruzado esta fronteira simbólica da proximidade em diversos momentos. Concordo com Travancas (2011, p. 130), que diz: “nunca se alcançará o estranhamento absoluto, nem tão pouco a familiaridade plena. É acompanhando o movimento desse pêndulo que vive o antropólogo.”

Depois de me apresentar e contar minha proposta nas videochamadas, vi que isso acabou gerando um senso de importância “nossa, estamos representando o nordeste inteiro!”. Posto que existem mais de 170 clubes no país, a escolha individual ocasionou um “status”, circunstância que eu não tinha imaginado ou previsto, isto é, involuntariamente foi estabelecida uma relevância. Ora, de todos os clubes da macrorregião, o delas havia sido “o escolhido”. Isso me levou a refletir ainda mais sobre a complexa relação simbólica construída durante essa interação

¹² Em virtude do expressivo número de leitoras, refiro-me no feminino a todos os participantes dos clubes, mulheres e homens. Não foi possível, no espaço deste artigo, desenvolver extensamente as implicações advindas das questões de gênero observadas ao longo do trabalho de campo, sobretudo pela minha posição social enquanto pesquisador homem, branco, cis e gay inserido em grupos de leitura majoritariamente femininos.

com as leitoras. A percepção delas por se verem “transformadas” em objeto de pesquisa foi algo inesperado para mim naquele primeiro momento, quando estava muito preocupado se seria ou não bem recebido nas reuniões abertas¹³.

5. Práticas de leitura: entre materialidades, partilhas e sensibilidades

Em relação às práticas de leitura, notei que nos encontros a maioria das participantes privilegiava o formato impresso, ainda que tenha visto pessoas buscando anotações e trechos grifados em seus computadores, *smartphones* ou *kindles*. Esse comportamento me deixou intrigado, afinal estava lá observando o período posterior à leitura, em que a materialidade dos livros nem sempre se revela. Geralmente no momento final da foto grupal, conseguia vislumbrar suportes impressos e digitais. Cabe lembrar, conforme Chartier (1998, p. 105), que “cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção escrita afeta profundamente os seus possíveis usos e interpretações”. Ora, essa premissa interferiu no fazer etnográfico, tendo em vista que ao observar as apropriações dos livros pelas leitoras reunidas virtualmente, consegui verificar o porquê de as fundamentações teóricas da etnografia e das práticas de leitura privilegiarem a não dualidade entre digital/analógico: no trabalho de campo, essas comparações mostraram-se difusas, transitórias e mais complexas do que uma simples separação online/offline ou *ebook*/impresso.

Uma vez dentro das comunidades, foi relativamente fácil chegar até as leitoras e leitores. A maioria dos clubes é aberta e gratuita (Yunes, 2013), o que por si só levou à flexibilidade na entrada ao campo. Isso não significa que todos os clubes são iguais, muito menos que as opiniões e debates convergem para uma concordância unânime, conforme já alertado por Sedo (2011). Percebi várias divergências amistosas, decorrentes de impressões pessoais marcadas pelos usos das leitoras e leitores enquanto sujeitos sociais situados, com sua própria história cultural complexa e vivências particulares atravessadas por marcadores sociais¹⁴.

¹³ Um elemento que pode ter contribuído para o meu acolhimento pelas coordenadoras e leitoras dos grupos encontra-se no fato de que a maioria delas possui graduação completa ou em andamento; em muitos casos até mesmo pós-graduação, isto é, mostraram-se interessadas na relevância acadêmica do estudo.

¹⁴ Em questionário online aplicado durante o primeiro semestre de 2020 com 52 responsáveis pelos clubes em suas cidades, compreendi que a maior parcela das respondentes foi proveniente da região Sudeste (40,4%), com maioria pertencente aos estados de Minas Gerais (19,2%) e São Paulo (15,4%), onde o projeto iniciou. Entre as demais regiões, constaram mediadoras da região Nordeste (24,9%), Sul (23%), Norte (3,8%) com uma mediadora do Pará e uma de Roraima; e Centro-oeste (3,8%) com duas mediadoras de Goiás. Também houve retorno de duas mediadoras que viviam no exterior (3,8%), as quais não

Com base em Miller (2020), certifiquei-me que todas e todos soubessem por que eu estava lá. Atentei em ouvir as pessoas para que elas percebessem que eu realmente me importava com o que diziam. Conforme Travancas (2011), as relações dos indivíduos com os meios de comunicação muitas vezes surpreendem, pois há muitos sentimentos envolvidos, nem sempre previsíveis ou óbvios, ainda mais durante uma crise sanitária mundial. Notei emoções ainda mais em evidência, demandando um fazer ético capaz de mostrar-se compreensivo à situação presente em que todos se encontravam. Logo, fiz questão de demonstrar às leitoras que compartilhava o sentimento de isolamento assim como elas.

Posso afirmar que não senti hostilidade de ninguém, nem mesmo quando levantei a possibilidade de gravar os encontros. Depois de inserido nas dinâmicas de cada clube, os receios praticamente se dissiparam. Estava tão preparado psicologicamente e teoricamente para o “temido” estranhamento que fui surpreendido pelo acolhimento das leitoras. Nesse sentido, retomo Caiafa (2020) em alusão à sensibilidade etnográfica estabelecida com as participantes. Houve uma mediadora que me indicou leituras acadêmicas, outras seguiram meu perfil pessoal no *Instagram* (o que facilitava a marcação nas fotos), muitas dispostas a contribuir com a dissertação. Em uma das reuniões no clube de Caxias do Sul, uma leitora contou uma história tão engraçada que a coordenadora pediu que eu compartilhasse o recorte do vídeo no grupo de *WhatsApp* dos leitores gaúchos para que ela pudesse “assistir quando estivesse triste”.

Reflico que o fato de ser virtual também pode ter contribuído para esse acolhimento, isto é, estar “protegido” pelas telas do computador/*smartphone* e pelo ambiente doméstico me deixou mais à vontade para estabelecer relações de confiança com as leitoras e vice-versa. Ao mesmo tempo, nos encontros do *Google Meet* com muitos participantes, era mais fácil “esconder-

identificaram a cidade. Apesar do baixo índice de respostas provenientes do Rio de Janeiro (5,8%), os dados relacionam-se à concentração editorial no sudeste brasileiro, o que pode indicar que em locais com grande número de livrarias e editoras, há maior incentivo para a formação de leitores e conseqüentemente de clubes de leitura. Pela perspectiva racial, 65,4% das mediadoras se autodeclararam brancas, enquanto 25% identificaram-se como pardas e 9,6% como negras ou pretas. Em relação à idade, a média das respondentes encontra-se na faixa dos 30 anos, sugerindo momento da vida adulta com certa estabilidade financeira. A faixa etária oscilou entre 18 e 54 anos, portanto, mulheres jovens. Um dado marcante é que todas as 52 mediadoras indicaram, no mínimo, ensino superior incompleto, ou seja, possuem (ou possuíram) contato com o meio acadêmico. A maior parcela (38,5%) já estava com pós-graduação completa; 23,1% apresentavam o ensino superior completo, enquanto 21,2% ainda estavam cursando uma graduação. O menor índice (17,3%) pertence às mediadoras estudantes da pós-graduação. Ainda, segundo critérios do IBGE, a maioria das mulheres pertenceria às classes D (42,3%) e C (36,5%), demonstrando que uma expressiva parcela das mediadoras do projeto está nas classes média baixa e média. Divisão do perfil socioeconômico de acordo com o critério por Faixas de Salário-Mínimo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 11 set. 2021.

se” entre os vários “quadrinhos” da interface a fim de tomar notas no diário de campo sem a “vigilância” das leitoras. Apesar disso, estive ciente de que minha presença, mesmo com a câmera desligada, não passou despercebida por todos os membros, especialmente as mediadoras que esporadicamente convidaram-me à fala.

Houve ocasiões com reuniões entre poucas leitoras em que não escrevia mais de uma página no diário de campo, pois me sentia desconfortável se apenas minha *webcam* estava desativada. Da mesma forma, estar concentrado em fazer anotações enquanto as pessoas me “assistiam” poderia soar falta de respeito e atenção aos seus relatos. Nesse processo, expor meu rosto foi essencial para demonstrar apoio ao que era dito por todas e todos, isto é, que eu estava atento à fala de cada um(a), em uma posição copresente de “simpatia” nos termos de Caiafa (2020). Assim, durante a observação participante preferi escrever apenas o estritamente necessário, deixando mais detalhamentos para uma hora mais oportuna.

Em alguns momentos, quando notei, estava compartilhando experiências muito pessoais ou até alguns dados iniciais sobre os outros clubes analisados. Em Belém, as mediadoras perguntaram acerca dos livros de Sinop, porque em algum momento falei que recentemente havia “viajado” por lá em uma das observações. Em Sinop, por sua vez, as leitoras estavam “sem ideias” para a leitura de agosto e me pediram uma sugestão. Assim, indiquei meu livro favorito: *Fique Comigo*, da nigeriana Ayòbámi Adébáyò, que marcou simbolicamente a última reunião investigada e talvez represente o “clímax etnográfico” da minha interlocução com os clubes de leitura Leia Mulheres, sendo a discussão literária que eu mais participei ativamente. Ressalto aqui uma questão-chave descoberta durante a pesquisa: quanto mais extenso for o repertório cultural do etnógrafo – não só sobre literatura –, maiores serão as chances de interlocução com os leitores, afinal, recomendar livros, filmes, séries, documentários e demais produtos midiáticos relacionados à obra mensal consiste em uma das “moedas de troca” mais relevantes em uma roda literária. Logo, ser um leitor “atenado” e sensível, não apenas à temática como também ao andamento da discussão, pode suscitar novas conexões com os nativos, enriquecendo a escrita ao adicionar novas camadas analíticas.

Miller (2020, n. p.) declara que há perdas de distintas ordens na realização de uma etnografia online durante uma pandemia, contudo “existe uma quantidade enorme de dados potencialmente acessíveis, de modo a compensar o que será perdido”. Nesse percurso, participei dos encontros até o momento em que o senso de repetição, tipicidade e normatividade

mostraram-se satisfatórios para a pesquisa. Certamente houve adaptação às particularidades de cada clube e às condições de sociabilidade, conforme o andamento da etnografia. Entre alguns exemplos: o fuso horário de Sinop era diferente do meu; o clube de Marechal Deodoro possuía uma dinâmica de despedidas em que todos falavam ao final uma palavra que resumia o encontro; as mediadoras de Belém faziam questão de perguntar como estava o ritmo de leitura durante a pandemia; em Mauá, houve um encontro com a autora do mês, Lu Ain-Zaila, que pôde participar remotamente e responder as dúvidas das leitoras; no clube de Caxias os integrantes tinham desconto na livraria da cidade que se mobilizou para adquirir e entregar as obras previstas no calendário anual. Distante de relatar densamente todas as características de cada grupo neste artigo, demarco que em uma pesquisa de maior fôlego os detalhes minuciosos são fundamentais.

6. Usos sociais das mídias nos clubes Leia Mulheres

Em acréscimo às reflexões metodológicas sinalizadas até aqui e longe de contemplar a amplitude de resultados da dissertação de mestrado¹⁵ que norteia este artigo, nesta seção destacamos alguns achados da pesquisa. Situamos que, em sua versão completa, o trabalho teve seu material etnográfico sistematizado e analisado de modo a articular dados provenientes das observações nos encontros e das entrevistas, ambas as etapas efetuadas com o auxílio do *Google Meet*. Neste ponto, cabe pontuar que a escolha das cinco entrevistadas se deu por dois critérios: em virtude do perfil profissional de cada uma, com base nas suas apresentações durante os encontros, e pensando em leitoras com níveis distintos de participação: algumas que falavam menos e outras mais participativas. O contato com elas se deu por mensagem direta via *Instagram* e posteriormente via *WhatsApp*.

Ao longo do processo, fomos surpreendidos com a rápida disposição das leitoras. Ao delimitar apenas pelo intervalo de concretização das conversas (a primeira em 16 de novembro de 2021 e a quinta em 23 do mesmo mês e ano), foram somente sete dias. Pensamos que isso se explica em efeito da proximidade proporcionada pela observação nos encontros, isto é, o conhecimento advindo de outros “meets” facilitou nossa negociação. No convite, foi explicado

¹⁵ Os dados são aprofundados na análise da dissertação intitulada “*Antes era só ler, hoje em dia é ler e comentar*”: leituras compartilhadas pela internet nos clubes *Leia Mulheres* (Rossi, 2022). Até o momento da escrita deste texto, o estudo encontra-se indisponível para download.

que era a última etapa metodológica da pesquisa, porém a dinâmica seria a de um bate-papo informal, assim como nos clubes, para aprofundar seus hábitos de leitura (local, horário, formato, frequência, entre outros) e a história de seu percurso com os livros (quem as incentivou, em que faixa etária etc.).

Relembramos que o estudo adotou a proposta teórico-metodológica dos usos sociais das mídias, idealizada por Jesús Martín-Barbero (2018). Seu conceito de mediações articula uma relação densa entre o mundo da produção de mídia nas indústrias culturais e os mundos do consumo, massivo, porém diferenciado, ativo e cidadão. Isto posto, elegeram-se para análise cinco mediações (*tecnicidades, ritualidades, sociabilidades, narrativas e identidades*) conforme as dimensões culturais e comunicacionais observadas nos clubes Leia Mulheres.

Relativo às limitações das redes, ancoradas na mediação das *tecnicidades*, entendemos desde o primeiro encontro observado que a conexão com a internet e as plataformas digitais era fator determinante para o desenvolvimento das discussões. Já em relação aos dispositivos utilizados para o acesso às reuniões, notamos que a maioria das leitoras possuía *notebooks* e uma minoria se valia de *smartphones*, cenário esperado quando considerado o perfil geral das participantes: brancas, classe média, profissionais das letras ou educação, média de 35 anos e que usam computadores para trabalho/estudo.

Percebemos que as leituras compartilhadas pelas integrantes se estendiam para além do *Google Meet*. Apesar de haver circulação de materiais hipertextuais nos chats dos encontros, estes também são postados nos grupos de *WhatsApp* e perfis dos clubes no *Instagram*, onde há maior possibilidade de permanência e busca posterior.

Cabe destacar que as entrevistas com cinco leitoras (Gloria, Conceição, Melissa, Djamila e Agatha¹⁶) possibilitaram maior apreensão de suas relações com os livros. Descobrimos que todas cresceram em ambientes familiares que proporcionaram o contato próximo com a literatura, algumas mais cedo que outras, de maneiras e intensidades diferentes, incentivadas principalmente pela figura materna.

Embora as práticas de leitura das entrevistadas transitassem entre o impresso e o digital, inclusive com leitura em audiolivros, elas privilegiaram o formato em papel, apesar de Gloria

¹⁶ Pseudônimos escolhidos pelas entrevistadas, conforme suas escritoras favoritas. Melissa Suárez foi a única que optou por manter sua identidade na pesquisa, em virtude de divulgar seu nome enquanto escritora independente. Gloria é revisora; Conceição é bibliotecária; Djamila é universitária; e Agatha é professora.

preferir igualmente o *Kindle* e Conceição ser a única que não utiliza dispositivos eletrônicos para leitura. Ademais, o impacto da pandemia no modo de aquisição das obras e seus respectivos suportes foi significativo, mediante a decisão temporária das entrevistadas por não frequentar livrarias presenciais, ou, quando visitavam, o faziam brevemente. Em consequência disso, seu acesso aos livros concentrou-se no *e-commerce*.

Entre seus hábitos e *ritualidades* de leitura, as entrevistadas apontaram o quarto como o local onde mais leem, aliado ao horário noturno. Elas explicaram que isso se deve, sobretudo, ao alto volume de estudo/trabalho durante o dia que contrasta com o silêncio/descanso proporcionado pela cama à noite. Agatha e Gloria sofrem de insônia, então quando estão com dificuldade para dormir, ligam o *Kindle* no modo noturno e leem até que adormeçam. O hábito, aliado ao número de obras lidas pelas cinco leitoras – uma média anual de 23 livros, muito acima da média nacional de 2,5 livros apontada pela pesquisa Retratos da Leitura (Failla, 2020) – indica que as leitoras priorizam a prática silenciosa e a leitura extensiva (Chartier, 1998) em um primeiro momento, para depois transformarem a atividade em um fazer coletivo nos clubes.

Durante as reuniões frequentadas, a cobrança para finalizar as leituras despontou como uma preocupação normal para muitos membros dos clubes. Percebemos que algumas leitoras se pressionavam a ler, tendo listas acumuladas e sentindo-se mal quando não finalizavam a leitura do mês. Nesses casos, justificavam-se demasiadamente durante os encontros. Certamente as mediadoras incentivavam a leitura, porém não foi notado nenhum “sermão” a quem, porventura, não tivesse logrado até a última página. Ao contrário, as coordenadoras demonstraram que mais importante do que terminar o livro, é a presença ativa na reunião. O fato foi experienciado pelo pesquisador participante, que mesmo não lendo as obras, frequentemente foi convidado à fala.

A dinâmica de comunicação mostrou-se sujeita às lógicas de funcionamento do *Google Meet*, com soluções criativas geradas pelas leitoras. Nos encontros com grande número de pessoas¹⁷, a maioria dos comentários provocou duas ou mais respostas de outros membros. O padrão de “levantar a mão” e responder resultou em uma estrutura onde uma pessoa falava por

¹⁷ O maior encontro teve 22 participantes, destes 20 eram mulheres e dois, homens (contando o pesquisador). Referente ao número de mulheres e homens participantes nas 15 reuniões observadas, apesar da oscilação conforme a data, constatou-se que 12 é a média aproximada de leitoras, enquanto a média de leitores está em dois. Se não fosse contabilizada a presença do etnógrafo, em sete discussões haveria somente integrantes do gênero feminino.

vez, organizada em fila no chat pelas mediadoras. Longe de uma interação linear, direta e sustentada em direção a um ponto, as ideias surgiam e eram deixadas de lado conforme a próxima fala, apenas para ser recuperadas por outro membro mais tarde na fila, ou até mesmo como um tópico na caixa de bate-papo do *Google Meet*. À medida que a conversa estava acontecendo, frequentemente havia debates paralelos no chat.

Constatamos diferentes ambiências de *sociabilidades* nos clubes: grupos de *WhatsApp*, encontros via *Google Meet*, interações pelo *Instagram* e breves relações presenciais. Agatha confidenciou que algumas leitoras de Mauá, juntamente com outras do Leia Mulheres São Bernardo, formaram um novo clube de leitura com apoio do *WhatsApp*, do qual ela também participa e voltado a ler mais homens. Desse modo, a existência de extensões paralelas aos clubes Leia Mulheres constatou o desejo e a disposição das integrantes por mais oportunidades de leitura e interação. Mediante o acréscimo de novos grupos, as leitoras demonstraram táticas inventivas e criativas (Certeau, 2014) para “movimentar” o fluxo de livros “estagnados” em suas estantes, aliando isso à *sociabilidade* literária, proveniente da proximidade entre elas.

Apesar disso, a maioria das leitoras e as cinco entrevistadas demonstraram desejo pelo retorno aos encontros face a face, como uma maneira de reforçar os vínculos e modificar a dinâmica de discussão mediante outros elementos, como a possibilidade de confraternização em um ambiente externo. Por outro lado, entendemos que os encontros online romperam as fronteiras entre os âmbitos público e privado, afinal as participantes frequentemente ouviam as paisagens sonoras das casas umas das outras, seus contextos domésticos e familiares.

A partir da escuta nos encontros e nas entrevistas, foi possível distinguir que as leitoras leem os textos em contraponto com sua vida, interesses, memórias e experiências pessoais (Yunes, 2013). Suas impressões literárias, discordantes ou não, são parte fundamental dos clubes de leitura e tornam as discussões um espaço de aprendizado coletivo em que podem refletir sobre a realidade mediante relatos que extrapolam o enredo das obras. Assim, os clubes se estabeleceram como local para descoberta de novas autoras, ampliando o repertório cultural dos membros.

Por meio da recuperação e reconhecimento das histórias escritas por mulheres, com ênfase para os romances, a mediação das *identidades* no projeto Leia Mulheres potencializa a produção de um catálogo de *narrativas* muitas vezes às margens do suposto cânone literário, como forma de intervenção ao mercado editorial majoritariamente masculino (hooks, 2020). É

como afirmou a mediadora de Belém ao final da discussão sobre *A vegetariana*: “a gente chega com as nossas leituras e depois vem as outras”, isto é, as práticas de leitura privadas e públicas misturam-se no tecer das relações estabelecidas em comunidade. Logo, constatamos que o compartilhamento online auxiliou na manutenção dos laços entre as frequentadoras.

Nessa direção, os clubes sugeriram a reivindicação de uma posição igualitária de gênero. Autodeclaradas feministas, nossas interlocutoras construíram impressões articuladas às matrizes interseccionais de opressão (hooks, 2020), o que se verificou enfaticamente no compromisso dos grupos em escolher *narrativas* que tratem de *identidades* diversas, sobretudo em termos de nacionalidade e raça, com maior aderência a escritoras brasileiras e negras.

Por fim, vale pontuar que as questões de gênero envolvidas na relação do mestrando em um clube formado majoritariamente por mulheres também impactaram no fazer etnográfico. Embora as leitoras e fundadoras do Leia Mulheres carinhosamente tratassem o etnógrafo como “membro honorário”, refletimos que os assuntos, posturas e discussões durante os clubes foram afetados pela presença do pesquisador.

Considerações finais

Longe de elaborar um “manual de boas práticas para uma etnografia com leitores”, sintetizamos aqui algumas sugestões para instigar futuros trabalhos com essa interface, cientes de que cada percurso etnográfico possui suas especificidades teórico-metodológicas.

Destacamos a abertura para a dimensão multilocalizada das ambiências observadas, possibilidade que desde a popularização da internet já vem sendo utilizada em pesquisas antropológicas e comunicacionais. Nesse ponto, é importante desbravar o campo, explorar seu terreno para enfim delimitar a pesquisa em período temporal, na escolha de um grupo determinado ou em ambos.

Atentamos aos atravessamentos tecnológicos das plataformas na mediação dessas relações, seja entre as comunidades de leitores ou entre etnógrafos e interlocutores. Vale questionar-se quais recursos a interface digital possibilita em termos de usos e limitações, recordando que assumir a centralidade da internet não significa descartar o offline, isto é, importa compreender os deslizamentos complexos entre essas ambiências e como a leitura conecta-se nessa lógica. Nesse processo, cada plataforma possibilitará pistas distintas acerca das

práticas de leitura, cabendo ao etnógrafo a disposição para deter-se nas particularidades, limitações e oportunidades ofertadas pela infraestrutura digital investigada.

Ressaltamos que a escuta individual dos leitores por meio de entrevistas poderá trazer mais densidade e materiais analíticos inéditos, especialmente se forem efetuadas perguntas pontuais advindas de *insights* durante a observação. É crucial apreender como leem os leitores e a história de seu percurso com os livros, afinal esses dados nem sempre estarão visíveis durante a observação. Outro ponto importante consiste na atenção às características particulares do grupo, seu perfil social e suas crenças, sejam elas políticas ou não. A partir disso, o etnógrafo possui a obrigação de levantar tais questões em seu texto, indagando de que maneira este entorno simbólico e material relaciona-se com as práticas de leitura dos nativos e impacta na sua própria inserção empírica enquanto sujeito que ocupa uma posição no espaço social. Desse modo, será possível conduzir e construir um relato etnográfico *com* os leitores, e não *sobre* eles.

Em retrospectiva de nossas escolhas metodológicas, embora esperássemos grandes diferenças em termos regionais sobre as práticas de leitura entre os clubes, encontramos um contexto com diversas similaridades. Identificamos, portanto, que a organização do Leia Mulheres perpassa pelas mediações das *tecnicidades*, no que se refere aos usos da internet pelos clubes com produção e compartilhamento de conteúdo, nos encontros online mediados por aplicativos de mensagens, plataformas de reuniões e por redes sociais; *ritualidades*, por meio dos hábitos individuais de leitura, escolha dos livros, organização e repetição dos encontros; *sociabilidades*, através do compartilhamento de leituras, criação de vínculos e o impacto da pandemia nas relações sociais; *narrativas*, diante dos relatos pessoais e coletivos motivados pelos livros enquanto produtos midiáticos; e *identidades*, a partir do reconhecimento de si e das autoras mulheres, do projeto literário feminista e do clube como espaço de pertencimento e resistência. Evidentemente não podemos justapor o que verificamos neste estudo aos demais núcleos da iniciativa Leia Mulheres, desconsiderando a existência de grupos com outras características e diferentes comportamentos.

Assim, o método foi algo aprendido ao longo dos meses, não algo aplicado. Compensamos, portanto, as perdas da observação participante offline (o ambiente livresco presencial em bibliotecas ou livrarias; os sons e aromas das cafeterias ou bares; a confraternização durante ou após as reuniões, entre outras) com mais atenção na observação online. Por esse ângulo, na

maior parte dos casos, a observação do *Google Meet* exigiu um exercício de leitura dos gestos, dos olhares, das conversas paralelas no chat, de quem estava com a câmera ligada ou desligada, de quem possuía uma conexão instável, quem falou mais, quem só ouviu, quem leu e mostrou o livro, quem não conseguiu vencer as 400 páginas do mês e mesmo assim exibiu orgulhosamente seu exemplar na foto-*print* ritualística ao final do encontro. Onde estava cada leitor(a)? A estante aparecia atrás? O espaço doméstico invadiu a tela? Quantos pets abrilhantaram os encontros sem pedir autorização?

Ora, visualizamos diversas ações acontecendo ao mesmo tempo, misturando as fronteiras entre o público e o privado, online e offline, não só interpolações de outras pessoas/animais ou da oralidade/escrita, mas também aspectos não-verbais de comunicação que competiram pela nossa atenção. Assim, destacamos que a percepção das vidas privadas entre os membros dos clubes trouxe uma dimensão adicional de familiaridade. Em virtude da videoconferência, passamos a nos conhecer melhor em meio a vislumbres da vida cotidiana ao redor de telas e câmeras, o que conseqüentemente gerou um “enquadramento” dos fenômenos observados, isto é, das suas possíveis interpretações e das limitações metodológicas da pesquisa. Embora no espaço deste artigo não tenha sido possível elencar em detalhes o diário de campo da pesquisa e as articulações entre digital e presencial, reiteramos que em uma experiência de etnografia na internet, é preciso desenrolar as linhas tênues entre os campos.

Concebemos, então, a etnografia da leitura enquanto uma postura reflexiva útil para apreensão das complexas relações envolvidas em trabalhos de campo com leitores, sobretudo em Comunicação ou Antropologia. O digital possui características específicas que potencializam as práticas da observação e da leitura, revestindo-as de diferentes usos que demandam significativa atenção pelo etnógrafo, neste caso leitor-observador-escritor. Em vista disso, é uma área fértil carente de pesquisas que construam pontes interdisciplinares e reflitam em profundidade sobre as transformações nos processos comunicativos e culturais de leitura no século XXI.

Referências bibliográficas

CAIAFA, Janice. Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. *Questões Transversais*, v. 7, n. 14, 2010.

- CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. Introdução. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (orgs.). *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Rio de Janeiro: E-papers, p. 5-10, 2016.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 1998.
- FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da Leitura no Brasil 5*. Rio de Janeiro: Instituto Pró-Livro, 2020.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (orgs.). *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Rio de Janeiro: E-papers, 2016, p. 11-27.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- LEITÃO, Débora. K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*, v. 1, n. 42, p. 41-65, 2018.
- MALINI, Fabio. A plataformização da leitura e redes sociais: impactos no consumo de livros. In: FAILLA, Zoara. (org.). *Retratos da leitura no Brasil 5*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021, p. 134-143.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: 3 introduções. *Matrizes*, v. 12, n. 1, p. 9-31, 2018.
- MILLER, Daniel. *Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social*, Blog do Sociofilo, [S. l.], 23 mai. 2020. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller>. Acesso em: 01 fev. 2022.
- ROSEN, Matthew. Ethnographies of reading: beyond literacy and books. *Anthropological Quarterly*, v. 88, n. 4, 2015, p. 1059-1083.
- ROSSI, Jean Silveira. Investigando a leitura no Brasil: um mapeamento de pesquisas com leitores na Comunicação (2015-2020) e de estudos sobre clubes de leitura (1990-2020). In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2021, virtual. *Anais [...]*. Recife: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021.
- _____. *“Antes era só ler, hoje em dia é ler e comentar”*: leituras compartilhadas pela internet nos clubes *Leia Mulheres*. Dissertação (mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 209. 2022.
- SEDO, DeNel Rehberg. *Reading Communities from Salons to Cyberspace*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2011.

TRAVANCAS, Isabel. A Etnografia no campo da comunicação de massa. *Humanidades*, Fortaleza, v. 26, n. 1, p. 125-142, jan./jun. 2011.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?. *Horizontes Antropológicos*, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

YUNES, Eliana. Um ensaio para pensar a leitura. *Verbo de Minas*, v. 14, n. 23, p. 5-18, 2013.

Liliane Dutra Brignol - Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos-RS). Docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). Professora do Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, Santa Maria - RS). Coordenadora do grupo de pesquisa Comunicação em rede, identidades e cidadania (CNPq-UFSM) e da linha de pesquisa Comunicação midiática e migrações transnacionais do MIGRAIDH/CSVM - UFSM (Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional/ Cátedra Sergio Vieira de Mello). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Mídias e Processos Socioculturais, atuando principalmente nos seguintes temas: Comunicação, estudos culturais e recepção; mídia e migrações contemporâneas; Comunicação em rede, usos sociais da internet e identidades contemporâneas; movimentos sociais em rede, ativismos digitais e usos sociais das mídias.

Email: liliane.brignol@ufsm.br

Jean Silveira Rossi - Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS). Bacharel em Comunicação Social - Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente é professor substituto no Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. Possui interesse por estudos em produção editorial, práticas de leitura, culturas digitais, usos sociais das mídias e etnografia.

Email: jeanrossi109@gmail.com